

DESEJAR A PAZ: UM PROJETO DE TRADUÇÃO

Conceição Pontes & Maria do Céu Pontes

ISCAP

Portugal

mapontes@iscap.ipp.pt

cepontes@iscap.ipp.pt

Breve nota introdutória

A tradução inédita aqui apresentada de excertos do livro *Three Wishes – Palestinian and Israeli Children Speak* decorre de um pedido efetuado por um agrupamento de escolas. Tendo-se dado conta da escassez de documentos escritos para crianças e jovens relativos ao conflito israelo-palestiniano, um dos maiores e mais duradouros do nosso tempo, o agrupamento quis, e quer, com este contributo tradutivo, dinamizar, de forma transversal e interdisciplinar, alguns projetos na área das línguas, da história, da filosofia e das artes.

As instruções a que obedeceu esta tradução implicaram, em primeiro lugar, uma delimitação do texto a traduzir, já que importava selecionar apenas algumas sequências do livro. Face ao público-alvo indicado – alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário – optou-se por traduzir a introdução e alguns capítulos do referido livro, da autoria da escritora canadiana Deborah Ellis. O contexto implicou, ainda, da parte do tradutor, uma reflexão atenta sobre a função e o objetivo comunicativo do texto de chegada na cultura de chegada, de acordo com o skopos definido pelo iniciador, neste caso, o agrupamento de escolas.

Assim sendo, a proposta tradutiva baseou-se, em particular, no objetivo do pedido, a saber, 1) informar, através de uma contextualização histórica e geográfica (patente na Introdução), 2) sensibilizar para a realidade da questão israelo-palestiniana (através de testemunhos na primeira pessoa) e 3) implicar, de modo empático e reflexivo, os jovens portugueses numa leitura do conflito que contemple uma visão equânime e não fragmentada.

De entre esses testemunhos, selecionaram-se propositadamente quatro narrativas de adolescentes de ambos os lados do conflito (dois israelitas e dois palestinianos), tendo-

se contemplado questões de género (duas narrativas femininas e duas masculinas) e experiências de vida diferentes.

Dado o âmbito eminentemente pedagógico e didático do projeto, foram ainda selecionados os relatos que melhor podem ajudar a desmistificar estereótipos divulgados pelos meios de comunicação social, estereótipos esses que têm vindo a alimentar a perpetuação de uma (des)ordem que não interessa a nenhum dos povos. Um critério seletivo adjacente, mas não menos importante, foi a escolha de testemunhos que apresentam uma índole construtiva.

Por último, o facto de se ter traduzido apenas alguns testemunhos prendeu-se também com a necessidade de dar parte desta problemática sem necessariamente se incorrer numa repetição que mitigaria o impacto dos testemunhos e desmotivaria o público-alvo.

No tempo em que vivemos, e face à disseminação dos conflitos que se misturam numa complexa rede de fatores políticos, económicos, religiosos, raciais e étnicos, as propostas tradutivas assumem cada vez mais um papel preponderante. Não se trata apenas de transmitir informação, mas, fundamentalmente, de ajudar a formar opinião, a fim de evitar que processos históricos disruptivos se tornem cíclicos. Não será assim de mais reiterar a importância da função social da tradução, pois traduzir equivale a abrir janelas sobre o mundo, janelas que podem catalisar, através do diálogo interlinguístico (e não só), verdadeiras mudanças na sociedade para a qual se traduz.

Espera-se que essa função se cumpra através destas páginas, e que as transformações de mentalidade e sociedade que a escrita e a tradução pretendem alcançar possam, assim, ser atingidas. Porque, como escreve Deborah Ellis: “Dentro de poucos anos, as crianças retratadas neste livro estarão entre as pessoas que irão tomar decisões sobre a trajetória dos seus países e o futuro dos seus povos. (...) A História não tem necessariamente de se repetir”.

TRÊS DESEJOS – A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS PALESTINIANAS E ISRAELISTAS

Introdução

Neste livro, encontramos crianças e jovens que partilham um pedaço de terra muito pequeno na costa do Mediterrâneo. Esta terra, outrora chamada Palestina, é sagrada para judeus, muçulmanos e cristãos. Porém, há mais de 50 anos que está em guerra.

O genocídio que teve lugar durante a Segunda Guerra Mundial fez com que muitos judeus deixassem de acreditar que os governos fossem capazes de os proteger. Assim, teriam eles de se proteger a si próprios na sua terra, Israel, onde poderiam viver sem medo de serem perseguidos ou exterminados.

Havia, contudo, um grande problema. Os palestinos, como eram chamados os árabes daquela região, já lá viviam. As suas famílias residiam ali há gerações, cultivando a terra e criando gado, fundando negócios e cidades.

Tanto judeus como árabes têm raízes naquela região que remontam a milhares de anos e, no passado, coexistiram pacificamente. No entanto, surgiram problemas nos últimos cem anos, já que os árabes sentem ter o mesmo direito à terra que foi outorgada aos judeus para a construção do estado de Israel.

Em 1947, as Nações Unidas elaboraram um plano para separar o que era então a Palestina em dois estados, um judeu e um árabe. Os palestinos e os países árabes vizinhos rejeitaram tal plano, mas, em maio de 1948, Israel declarou a sua independência. As forças da Jordânia, Egipto, Síria, Líbano e Iraque invadiram o território, o que levou à Guerra da Independência de Israel. Quando a guerra terminou, Israel controlava a maior parte da Palestina e muitos palestinos tinham fugido para países vizinhos ou viviam agora em campos de refugiados no seu próprio país.

Mais guerras se sucederam e a tensão entre Israel e os seus vizinhos árabes aumentou, tendo culminado na Guerra dos Seis Dias. No final desta guerra, Israel ocupava já a Península do Sinai e a Faixa de Gaza, tendo tomado a Cisjordânia à Jordânia e os Montes Golã à Síria.

A Palestina encontra-se agora dividida entre Israel e as duas zonas conhecidas como os Territórios Palestinos, ou seja, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Desde a

Guerra dos Seis Dias que as Nações Unidas têm exigido várias vezes a Israel que retire as suas forças. Contudo, nenhum dos lados consegue chegar a acordo sobre como a retirada se deve efetuar.

A luta contínua por esta terra leva a que as crianças que aí residem tenham de viver em clima de guerra constante. Por vezes, tal significa conviver com explosões, tiroteios e o barulho dos helicópteros de combate que sobrevoam constantemente a zona. Outras vezes, significa ter amigos mortos em explosões quando viajam num autocarro.

Não se consegue escapar à guerra, que tem dividido famílias, transformado amigos em inimigos e levado a que pessoas inocentes desconfiem umas das outras.

Passei algumas semanas em Israel e nos territórios palestinianos em novembro e dezembro de 2002. Nos meses anteriores à minha visita houvera vários ataques de bombistas suicidas palestinianos e os israelitas tinham retaliado enviando o exército para aldeias e campos de refugiados palestinianos, o que, de alguma forma, colocava todos os palestinianos em prisão domiciliária ou sob recolher obrigatório.

Enquanto lá estive, o recolher obrigatório continuou intermitentemente, o que me limitou os movimentos e me fez cancelar muitas das entrevistas que planeava antes de deixar o Canadá. A experiência foi uma boa lição para mim sobre as frustrações que estas pessoas encontram diariamente ao verem os seus planos perfeitamente legítimos alterados em segundos por forças exteriores.

Pedi às crianças com quem conversei que me falassem sobre a sua vida, o que as tornava felizes, o que lhes causava medo ou raiva, e sobre a forma como a guerra as tinha afetado. Contaram-me os seus desejos para o futuro. Algumas histórias são esperançosas. Outras são perturbadoras, até mesmo chocantes, mas refletem o mundo em que estas crianças vivem.

Com algumas das crianças falei por acaso, quando parei para beber um café num McDonald's ou visitei um hospital, por exemplo. Outras crianças foram-me apresentadas por organizações que trabalham para acabar com as demolições das casas palestinianas ou que prestam assistência às crianças israelitas traumatizadas pela violência. Todas as crianças tiveram autorização dos pais ou dos encarregados de educação para falar comigo. Por vezes, essa autorização foi cancelada quando os adultos se deram conta de que eu iria

entrevistar tanto israelitas como palestinos. Essas crianças não foram, obviamente, incluídas neste livro.

A guerra no Médio Oriente decorre há tanto tempo, e de tantas formas, que, por vezes, parece não ter fim. Mas a guerra, como quase tudo o que os seres humanos fazem, é uma escolha. Fabricar armas é uma escolha. Permitir que uma criança passe fome ou beba água envenenada é uma escolha. Alhear-se e nada fazer para acabar com algo que é errado é uma escolha.

As crianças neste livro falam de como as escolhas que outros fizeram afetaram as suas vidas. A história desta terra e das suas gentes é um fardo, nada leve, que outros colocaram sobre os seus ombros.

*Deborah Ellis
Toronto, 2004*

NORA, 12

Nora é aluna no Princess Basma Rehabilitation Centre for Disabled Children [Centro de Reabilitação para Crianças Descapacitadas Princesa Basma], uma escola na qual as crianças recebem educação académica e tratamento específico para as suas incapacidades. Os corredores e as salas de aula do edifício branco e espaçoso, construído em cimento, foram concebidos para facilitar os movimentos de crianças que usam canadianas e cadeiras de rodas. As crianças ajudam-se mutuamente dentro e fora do edifício, seja empurrando cadeiras de rodas, seja oferecendo um ombro mais forte a quem dele necessita.

Nasci em Beit Safafa, a sul de Jerusalém, em território palestino. Sou palestina.

Tenho três irmãos, mas nenhuma irmã. Gostava de ter uma irmã. Às vezes, penso em tudo o que podíamos fazer juntas e os assuntos de que podíamos falar. Pelo menos, tenho um quarto só para mim. Como o cor-de-rosa é a minha cor favorita, tenho muitas coisas dessa cor no meu quarto.

Nasci com um problema nas pernas e andei sempre de cadeira de rodas. Mas mexo-me bem. As rodas funcionam como se fossem as minhas pernas.

A minha mãe não quer que eu saia sozinha, porque tem medo de que eu não possa mover-me suficientemente depressa se aparecerem soldados. Tem medo de que disparem sobre mim por não sair da frente deles suficientemente depressa.

Chego quase sempre tarde às aulas, mas isso não tem a ver com andar de cadeira de rodas. Há um autocarro que percorre as cidades e os campos de refugiados palestinianos e que recolhe as crianças que vêm para esta escola. É suposto podermos passar nos postos de controlo sem problemas, porque temos uma autorização especial. Mesmo que esteja em vigor um recolher obrigatório, podemos sempre passar. Mas os soldados obrigam-nos constantemente a parar. Embora já nos conheçam e vejam as mesmas caras todas as manhãs, pedem-nos sempre a identificação. Não se importam que cheguemos tarde à escola.

Os meus avós vivem numa cidade na Cisjordânia, mas os israelitas não nos deixam visitá-los. Embora vivam a apenas alguns quilómetros de nós, é como se vivessem longíssimo. O que me faria mais feliz seria vê-los de novo. Há dois anos que não os vejo.

Sei que há outras crianças no mundo que sofrem muito. São alvejadas, têm doenças, passam fome. Um dia gostaria de poder fazer algo para as ajudar. Gostaria de ser médica ou escritora. E de poder andar.

ASIF, 15

É impossível ignorar a guerra. A guerra afeta toda a gente, sejam os soldados e os que lhes são queridos, as vítimas e os que lhes são queridos, ou os contribuintes que pagam os impostos que financiam a guerra.

Asif mora num tranquilo bairro residencial de Jerusalém Ocidental com os pais e o irmão mais novo. A guerra é um tópico de conversa frequente entre ele e os amigos. Como lhes faltam apenas alguns anos para cumprir o serviço militar obrigatório, o que acontece na guerra tem um feito real e direto sobre o futuro deles.

Frequento o 10º ano.

Ser judeu em Israel significa crescer mais depressa do que os miúdos de alguns países. Temos de encarar a realidade mais cedo e de estar preparados para lidar com ela. Não se trata de uma escolha que fazemos. É a realidade em que vivemos. A guerra tornou-me uma pessoa mais implicada no mundo que me rodeia.

Costumava frequentar aulas de arte juntamente com crianças palestinianas. Nunca brigámos por eles serem palestinianos e eu ser israelita. Éramos apenas miúdos a desenhar e a pintar.

Quando fizer 18 anos, vou para o exército. A lei obriga-nos a cumprir o serviço militar durante três anos. Algumas pessoas que não gostam do que Israel está a fazer recusam-se a ir para o exército. Embora não concorde com tudo o que o governo faz, não vou recusar alistar-me. Mas, se me derem uma ordem de que não goste, uma ordem para fazer algo que ache errado, vou recusar-me a cumpri-la. É importante proteger as pessoas, ou seja, proteger os palestinianos. Quero ser uma voz consciente no seio do exército e evitar que os soldados abusem dos palestinianos. Será esse o meu papel.

Algumas pessoas usam Deus para explicar o que fazem de forma fácil. Dizem frases do género “Isto é o que Deus quer que façamos” ou “Deus está do nosso lado.” O que é uma maneira fácil de dizer “Eu não sou responsável pelo que faço.” Mas, quando decidimos fazer algo, somos nós que temos de viver com as consequências dos nossos atos e não Deus.

Não creio que saíamos deste impasse a não ser que demos aos palestinianos o seu próprio estado. É a única forma de alcançar a paz. Todos terão de ceder um pouco do que querem para ter um pouco do que desejam. Vivemos todos no mesmo lugar. Nenhum dos povos vai sair daqui.

YANAL, 14

Privados quase totalmente de liberdade de movimentos, muitos jovens palestinianos perdem a esperança de vir a realizar algo de positivo nas suas vidas. Alguns receberam bolsas para estudar em universidades jordanas ou noutros países, mas é-lhes negada autorização para se ausentarem.

Yanal frequenta a School of Hope [Escola da Esperança] em Ramallah, que educa crianças palestinianas desde há 35 anos. As inscrições costumavam ser mais numerosas, porque havia alunos a vir das aldeias vizinhas, mas os recolheres obrigatórios e os bloqueios de estradas tornaram impossível a deslocação dessas crianças.

Sou palestiniano e vivi sempre em Ramallah. Tenho um irmão e uma irmã. O meu pai é professor universitário e a minha mãe é supervisora escolar.

Metade dos alunos que frequentam a minha escola são muçulmanos e metade são cristãos. Existem muitos lugares sagrados em Jerusalém para ambos, mas não podemos visitá-los. Ser uma pessoa religiosa, seja muçulmana, cristã ou judia ou de outra religião, significa que devemos ajudar as pessoas e transformar o mundo num lugar melhor. Não apenas pensar em nós.

As pessoas acreditam no que veem nas notícias e, como são os israelitas que controlam as notícias, as pessoas ficam a pensar que todos os palestinianos são maus. Pensam que não sabemos nada de livros e culturas. Os israelitas precisam de combater essas mentiras que são ditas sobre nós.

Viver sob ocupação é muito difícil. Mas, se pensarmos que não somos nada, a ocupação ser-nos-á indiferente, porque não achamos que merecemos uma vida melhor.

Alguns israelitas querem a paz. Quando algum familiar deles morre por causa da guerra, ficam tristes, tal como acontece com os palestinianos a quem morre alguém por causa da guerra. A dor torna-nos iguais.

A música é tudo para mim. Ajuda-me quando estou zangado e faz-me sentir melhor quando me sinto triste.

O meu desejo é que a guerra termine e que possamos pôr o ódio de parte. Quem sabe se um dia os israelitas e os palestinianos não tocarão e cantarão juntos...

MAI, 18

Em Israel, coexistem muitos pontos de vista diferentes acerca da relação com os palestinianos. Existem grupos que apelam à remoção completa dos palestinianos da zona, enquanto grupos pacifistas trabalham no sentido de fomentar o entendimento entre ambas as partes e reduzir as tensões.

Women in Black [Mulheres de Negro] é uma organização feminista criada em 1988, no seio da qual os homens também podem desempenhar um papel. Trata-se de um conceito que, entretanto, se expandiu um pouco por todo o mundo e que é simbolizado por grupos de mulheres vestidas de negro que se reúnem em lugares públicos para levar a cabo vigílias silenciosas contra as guerras e as injustiças.

O objetivo deste grupo é o fim da guerra e da violência a todos os níveis. Algumas vigílias têm por fim protestar contra guerras regionais e crimes contra a humanidade, tais como violações em massa e tortura. Muitas delas centram-se na ocupação da Palestina pelos israelitas.

As vigílias decorrem em silêncio e várias pessoas empunham placardes e faixas. Mesmo quando os protestos contra estas manifestações assumem a forma de gritos e insultos, como acontece com frequência em Israel quando o grupo se reúne, os manifestantes preservam um silêncio calmo e digno.

Frequento o 12º ano.

O meu pai é ator e a minha mãe escreve e dirige peças de teatro. Gostava de estudar arte. Através da arte, todos podemos entender melhor o mundo e as pessoas.

A guerra afetou-me muito. Estou bastante envolvida em atividades que chamam a atenção para a injustiça que nos circunda e que esperam contribuir para melhorar a situação. A única maneira de alterar as coisas que estão mal é denunciá-las.

Decidi não fazer o serviço militar. É uma decisão muito difícil. A pressão para nos alistarmos é enorme, mesmo em relação às raparigas.

Também é muito difícil ter amigos palestinianos. Conheci uma vez uns palestinianos de Jenin. Assistimos juntos a um seminário em Jerusalém. Achei-os muito simpáticos e afáveis. É-lhes muito difícil deixar Jenin, porque os soldados não os deixam passar nos postos de controlo.

A minha família apoia o meu envolvimento político. Muitos dos jovens que conheço vivem nos colonatos e desaprovam o que faço. Pensam que os protestos que levamos a cabo fazem Israel parecer fraco. Eu acho que nos fazem parecer mais fortes, porque somos uma sociedade forte na qual as diferenças de opinião podem ser expressas. Também pensam que os árabes deviam ir para outros países e deixar Israel só para os judeus. Nem todos em Israel pensam assim. A maioria das pessoas apenas quer que todos vivam em paz.

Esta guerra não pode durar para sempre, mas ainda falta muito para que israelitas e palestinianos se relacionem da mesma maneira que os israelitas o fazem entre si. É importante mantermo-nos em contacto com os palestinianos. Só essa convivência pode dar lugar à paz. O muro que está agora a ser construído para nos separar deles vai dificultar muito que nos conheçamos como seres humanos.

Os protestos funcionam. Ajudam a influenciar a maneira de pensar das pessoas. É bom que os outros saibam aquilo em que acreditamos. Quem sabe se acreditam no mesmo que nós e ganham coragem para o dizer ao ver-nos fazê-lo.

Deborah Ellis

Three Wishes – Palestinian and Israeli Children Speak

Toronto, Groundwood Books, 2013

(Tradução de excertos)

THREE WISHES – PALESTINIAN AND ISRAELI CHILDREN SPEAK

Introduction

The children and young people in this book share a very small piece of land on the Mediterranean Sea. This land, once called Palestine, is a land sacred to Jews, Muslims and Christians, but the area has been at war for more than fifty years.

The genocide that took place during World War II caused many Jews to believe that they could not count on governments in the world to protect them. So they would protect themselves in their own land of Israel, where they could live without fear of persecution or extermination. There was, however, a huge problem. Palestinians, as the Arabs of the land are called, were already living there. Their families had been there for generations, raising crops and livestock, and establishing businesses and cities.

Both Jews and Arabs have deep roots in the area – roots that go back thousands of years. And in the past they have often coexisted peacefully. But problems have arisen in the past hundred years, as Arabs felt that they had a right to the same land that the Jews were granted for their new state.

In 1947 the United Nations created a plan to separate Palestine into two states – one Jewish and one Arab. The Palestinians and the neighboring Arab countries rejected the plan, but in May 1948, Israel declared its independence and forces from Jordan, Egypt, Syria, Lebanon and Iraq invaded, sparking the Israeli War of Independence. When the war ended, Israel controlled most of Palestine, and many Palestinians had fled to neighboring countries or now lived in refugee camps on their own land.

More wars took place, and tension between Israel and its Arab neighbors grew, culminating in 1967 in the Six Day War. By the end of the war Israel occupied the Sinai Peninsula and the Gaza Strip, and had captured the West Bank from Jordan and the Golan Heights from Syria. The end result was that Palestine is now divided between Israel and the two areas (the West Bank and the Gaza Strip) known as the Palestinian territories.

Ever since, the UN has called for Israel to withdraw its forces, but the two sides have been unable to agree on how this might happen.

The ongoing fight over this land means the children who live here spend their lives in a place of constant war. Sometimes this means living with explosions, gunfire and the sound of helicopter gun ships overhead. Sometimes it means having friends blown up when they get on a bus.

The war is impossible to escape. It has divided families, turned neighbors into enemies and made innocent people fear each other.

I spent some weeks in Israel and the Palestinian territories in November and December of 2002. The months preceding my visit had seen a number of suicide bombings by Palestinians, and the Israelis had responded by sending their army into Palestinian villages and refugee camps and placing virtually all Palestinians under house arrest or curfew.

The curfew continued, off and on, during my time in the area, limiting my own movement and canceling many of the interviews I had set up before leaving Canada. It was a good lesson on the frustrations faced daily by people living there, when plans made in good faith can be changed in an instant by outside forces.

I asked the children I met to tell me about their lives, what made them happy, what made them afraid and angry, and how the war has affected them. They told me about their wishes for the future. Some of their stories are hopeful. Some are disturbing, even shocking. But they reflect the world these children live in.

Some of the children I talked with by chance, such as when I stopped in at a McDonald's for a cup of coffee, or visited a hospital. Other children were introduced to me by organizations such as those working against house demolitions or assisting Israeli children traumatized by the violence. All of the children had their parents' or guardians' permission to talk with me. Sometimes that permission was revoked when the grown-ups found out I was interviewing both Israelis and Palestinians. Those children do not, therefore, appear in this book.

The war in the Middle East has been going on for so long, and in so many forms, that it often seems as if it will continue forever. But war, like almost everything else humans do, is a choice. Creating weapons is a choice. Allowing a child to go hungry or to

drink poisoned water is a choice. Sitting on the sidelines and doing nothing to stop something that's wrong is a choice.

The children in this book talk about how the choices other people have made have affected their lives. The history of the area and its people is a weight that has been placed, none too gently, on their shoulders.

*Deborah Ellis
Toronto, 2004*

NORA, 12

Nora is a student at the Princess Basma Rehabilitation Centre for Disabled Children, a school where children can receive both an academic education and special treatment for their disabilities. The halls and classrooms of the large white cement building are designed to make it easy for the children to move around in crutches and wheelchairs. The children use their various abilities to help each other down hallways or out to the playground – pushing wheelchairs or providing a stronger shoulder to lean on.

I am from Beit Safafa, to the south of Jerusalem, in Palestinian territory. I am a Palestinian.

I have three brothers but no sister. I wish I did have a sister. I sometimes think about all the things we could do and talk about. At least I have my own bedroom. Pink is my favourite color so I have a lot of pink in my room.

I was born with something wrong with my legs. I've always been in a wheelchair. I get around in the chair just fine. The wheels are like my legs.

I'm not supposed to go out by myself because my mother thinks I won't be able to move fast enough if the soldiers come. My mother is afraid they will shoot at me for not getting out of their way fast enough.

I'm usually late for school, but that doesn't have anything to do with me being in a wheelchair. There's a van that goes to the Palestinian towns and camps and picks up kids like me to come to the school here. We're supposed to be let through the checkpoints because we have a special permit. Even if there is a curfew on, we are supposed to be able to get through, but the soldiers always hold us up. Even though they know us, even though they see the same faces every morning, they still ask for our identification papers. They don't care whether we are late for school or not.

My grandparents live in a town in the West Bank, and the Israelis won't let us go through the checkpoints to visit them. They live so close to us, just a few miles, but they might as well live far, far away. That's what would make me the happiest, to see my grandparents again. I haven't seen them in over two years.

I know there are other children in the world who suffer a lot. They get shot at, they get sick and go hungry. Some day I would like to do something to help them. I would like to become a doctor or a writer. And to be able to walk.

ASIF, 15

The war is impossible to ignore. It affects everyone, whether you are a soldier or the loved one of a soldier, whether you are a victim or the loved one of a victim, or whether you are a taxpayer who is paying for the war.

Asif lives in a quiet residential neighborhood of West Jerusalem with his mother, father and younger brother. The war is a frequent topic of discussion among him and his friends. They are only a few years away from performing their National Service, so what happens in the war has a real and direct effect on their future.

I am in the tenth grade at school.

To be Jewish in Israel means growing up faster than kids in some other countries. We have to face reality sooner, and be prepared to deal with it. It's not a choice we make. It's our reality. The war has made me more involved in the world.

I used to take an art class with Palestinian children. We didn't fight because they were Palestinian and I was an Israeli. We were just kids doing art.

When I'm eighteen, I'll go into the army. It's the law, for three years. Some people who don't like what Israel is doing refuse to go into the army. I won't refuse, even though I don't agree with everything they do. If I'm given an order I don't like, an order to do something I think is wrong, I will refuse to do it. It's important to protect people, protect the Palestinians, I mean. I want to be a moral voice in the army, to keep other soldiers from abusing the Palestinians. That is what my role will be.

Some people use God as an easy way to explain things. They say things like "This is what God wants us to do" or "God is on our side." It's an easy way to say "I'm not

responsible for what I do.” But if you decide to do something, you have to live with the consequences, not God.

I don’t think we’ll ever get out of this situation unless we give the Palestinians their own state. It’s the only way to make peace. Everyone will have to give up a little of what they want in order to get some of what they want. We’re both here. Neither of us is going to go away.

YANAL, 14

Allowed almost no freedom of movement, many young Palestinians give up hope of ever being able to accomplish something positive with their lives. Some have been granted scholarships to universities in Jordan and elsewhere, but they are refused permission to leave.

Yanal goes to the School of Hope in Ramallah, which has been educating Palestinian children for thirty-five years. Enrolment used to be higher, as students used to come to the school from the villages around Ramallah, but curfews and roadblocks have made it impossible for those children to travel.

I am a Palestinian. I have lived in Ramallah all my life. I have one brother and one sister. My father teaches at the university and my mother is a school supervisor.

Half the kids who go to my school are Muslims, and half are Christians. There are many holy places in Jerusalem for both of us, yet we cannot go to see them. Being religious, whether you are Muslim or Christian or Jewish, or whatever you are, means that you should help people, and make the world better, and not just think of yourself.

People believe what they see in the news, and since the Israelis control the news, people think all Palestinians are bad. They think Palestinians don’t know anything about books or culture. The Israeli people need to fight back at the lies they get told about us.

Living under occupation is very difficult. But if we think we are nothing, then it won’t matter if we are under occupation, because we won’t think we deserve something better.

Some Israelis want peace. When someone in their family dies because of the war, they feel sad, just like we feel when someone in a Palestinian family dies. In that way, we are the same.

Music is everything to me. It helps me when I'm angry, and it makes me feel better when I'm sad.

I wish the fighting would end, so that we cannot hate each other. Maybe we can even make music with the Israelis one day.

MAI, 18

There are many different points of view in Israel about the Israeli relationship with the Palestinians. There are groups that call for the complete removal of Palestinians from the area, but there are also many peace groups working to increase understanding and reduce tensions.

Women in Black, a feminist organization where supportive men can also play a role, began in 1988. The concept of women in black clothing gathering in a public place to hold a silent vigil against war and injustice has since caught on around the world.

The aim of the group is to end war and violence at all levels. Some of the vigils focus on regional wars and crimes against humanity, such as mass rape and torture. Many focus on the Israeli occupation of Palestine.

The vigils are silent. Placards and banners are held, and even in the face of shouting and jeering – as often happens in Israel by people who oppose what the group stands for – the vigilers maintain a calm, dignified silence.

I am in grade twelve.

My father is an actor. My mother writes and directs plays. I want to study art. Through art, we can all understand the world and each other better.

The war has affected me very much. I am very involved in activities that draw attention to the injustice that is going on, and that hope to make things better. The only way things will get better is if people speak out.

I have decided not to go into the army. It's very hard not to join the army. There's a lot of pressure on everyone to serve, even on girls.

It is also hard for Israelis to meet Palestinians as friends. I met some Palestinians from Jenin once. We were together at a seminar in Jerusalem. They were very nice, very friendly. It is usually impossible for them to leave Jenin, because the soldiers won't let them pass the checkpoints.

My family is supportive of my work with politics. A lot of young people I know live in the settlements, and they do not like what I am doing. They think to have protests like these makes Israel look weak. I think it makes us look stronger, because we are a strong society where differences of opinion can be expressed. They think the Arabs should go to other countries and leave Israel only for Jews. Not everyone in Israel thinks like that. Most people just want peace for everyone.

This war cannot last forever, but it will be a long time before we Israelis really begin to connect with the Palestinians the same way we connect with other Israelis. It's important to stay in as close touch with the Palestinians as we can. That's the only way peace can happen. But now this wall is being built between us and them, and that will make it even harder for us to get to know each other as human beings.

Protest does work. It helps to influence the way people think. It is good to let others know what you believe. They might believe the same way, and might get the courage to say so if they see you doing it.

Deborah Ellis

Three Wishes – Palestinian and Israeli Children Speak

Toronto, Groundwood Books, 2013

(Excerpts)

BIBLIOGRAFIA

CHAU, Simon S. C. (1999). "From Anonymous Parasites to Transformation Agents – A 'Third World' Vision of Translation for the New Millennium". In Anderman, G. & Rogers, M. (eds.) *Word, Text, Translation*, pp.233-235. Clevedon: Multilingual Matters.

NORD, Christiane (2005). *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Translated from the German by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam/New York: Rodopi.

ELLIS, Deborah (2013). *Three Wishes – Palestinian and Israeli Children Speak*. Toronto: Groundwood Books.